
terra roxa

e outras terras

Revista de Estudos Literários

UNHEIMLICH E ESTRANGEIROS: VISÕES DO EXÍLIO EM
“LIXO E PURPURINA” E “LONDON, LONDON OU AJAX,
BRUSH AND RUBBISH”, DE CAIO FERNANDO ABREU

Thais Torres de Souza (FFLCH-USP)
thaisiel@yahoo.com.br

RESUMO: O artigo se propõe a analisar dois contos de Caio Fernando Abreu escritos nos anos 1970 e de profundas raízes autobiográficas: “Lixo e purpurina” e “London, London ou Ajax, brush and rubbish”. Os textos abordam a experiência do exílio durante a ditadura militar no Brasil de forma a denunciar as injustiças inerentes a esse contexto autoritário. Além disso, é possível relacionar a condição do exilado com o conceito freudiano de *estranho* (*unheimlich*). O termo traz, em si mesmo, uma duplicidade própria que pode se relacionar com a ambiguidade da situação do exilado.

PALAVRAS-CHAVES: Caio Fernando Abreu, exílio, estrangeiro, *unheimlich*.

1. “LIXO E PURPURINA” E “LONDON, LONDON”: ENTRE A FICÇÃO E A REALIDADE

“Lixo e purpurina” e “London, London ou Ajax, brush and rubbish” foram escritos por Caio Fernando Abreu em 1974 e 1977, respectivamente. O primeiro conto foi publicado apenas em 1995, no volume *Ovelhas negras*, coletânea de textos inéditos feita pelo autor um ano antes de sua morte. O segundo apareceu pela primeira vez em *Pedras de Calcutá*, de 1977, e postumamente em *Estranhos estrangeiros*, em 1996. Ambos abordam a temática do exílio e se encontram na fronteira entre a ficção e a realidade.

Na introdução feita a “Lixo e purpurina”, por exemplo, Abreu assim descreve o processo de escrita do conto: “De vários fragmentos escritos em Londres em 1974 nasceu este diário, em parte verdadeiro, em parte ficção” (2005: 107). Mas essa correspondência entre os textos e a vida do autor se dá não apenas porque ele assim os reconhece, mas também em razão das equivalências entre as experiências

dos personagens e alguns fatos vividos pelo escritor gaúcho: o exílio na Europa entre 1973 e 1974, os subempregos como faxineiro e modelo vivo em escolas de desenho, além das inúmeras dificuldades como exilado, são relatados em depoimentos de e sobre Caio Fernando Abreu.

Sem dúvida, o exílio era um tema caro a Abreu não apenas porque ele viveu essa experiência, mas também porque ele a considerava significativa para pensar a condição dos indivíduos deslocados com os quais ele se identificava. Dessa forma, os mecanismos mobilizados em “Lixo e purpurina” e “London, London ou Ajax, brush and rubbish” podem nos auxiliar a explicitar os efeitos do exílio na constituição do sujeito. Além disso, podemos observar neles em que medida essa experiência acentua o deslocamento inerente a esses seres fundamentalmente deslocados e que pensam sobre si mesmos da mesma forma que o narrador de “Lixo e purpurina”: “Talvez eu não esteja completamente aqui. Nem lá, seja onde for” (Abreu 2005: 211).

“London, London” e “Lixo e Purpurina” são narrados em primeira pessoa por personagens que já estão instalados na cidade do exílio, a “Babylon city”, como Londres é chamada nos dois textos. Ainda que apenas o primeiro esteja presente em *Estranhos estrangeiros*, a epígrafe, que segundo o editor do volume “dá o tom do livro”, é significativa para compreender as caracterizações de ambos os narradores aqui analisados. Miguel Torga, português que passou quase toda a vida no Brasil, assim se define no trecho de seu diário de 1934, escolhido por Abreu para introduzir a coletânea: “Pareço uma dessas árvores que se transplantam, que têm má saúde no país novo, mas que morrem se voltam à terra natal” (1996: 7).

O mesmo impasse parece ser determinante na vida desses narradores. Isso porque, se a vida no Brasil era de tal forma terrível que o exílio se tornou necessário, a condição na Inglaterra não é acolhedora em nenhum sentido. Famintos, perseguidos pela polícia, sem emprego, dinheiro ou local fixo de moradia, a vida desses exilados está longe da descrita por Caetano Veloso em “London, London”, música que dá título ao conto de Caio Fernando Abreu e que também foi lançada na década de 1970.

Apesar de o conto fazer referência à canção, podemos observar que os universos descritos são profundamente diversos: embora solitário e melancólico, o exilado da canção do cantor baiano se sente seguro na capital inglesa e admira o modo como as pessoas se comportam na cidade:

I'm lonely in London, London is lovely so
I cross the streets without fear
Everybody keeps the way clear
I know I know no one here to say hello
I know they keep the way clear
I am lonely in London without fear

Descrição profundamente diversa da que aparece em “Lixo e purpurina”, em que Londres é caracterizada como um lugar sujo, amedrontador, aquecido e iluminado clandestinamente e nem um pouco amável:

Harrow Road, Westbourne Park, uma zona velha e pobre, terrivelmente úmida. Atrás do flat há um canal de águas poluídas, vezenquando passam barcos . . . Aqui é muito feio. Nem aquecimento nem luz, como sempre, mas parece que é possível fazer uma ligação elétrica clandestina . . . Tem uma banheira na cozinha, está imunda. Estou sujo, barbudo, cansado. (Abreu 2005: 205).

Além disso, se um dos pontos determinantes para a decisão de sair do Brasil é a necessidade de fugir do tratamento desumano concedido pela polícia aos opositores da ditadura, em “Lixo e purpurina” a repressão continua acontecendo no exílio. Se o eu-lírico da canção de Caetano Veloso se surpreende ao ver que, quando “a group approaches a policeman”, ele não os persegue, agride e tortura, mas “seems so pleased to please them”, a relação entre os personagens do conto de Abreu e a polícia londrina não é, de forma alguma, pacífica como a descrita na música:

Um carro de polícia parou do lado. Meu passaporte está preso na Home Office, só tenho uma carta deles, toda rasgada. Quiseram saber mais, eu disse que era *squatter*, ficaram excitadíssimos. Falei que era *Brazilian* e foi pior. O rato deu uma cuspidada e rosnou: “*Oh, Brazilian, South America? I know that kind of people.*” Mandou que eu tirasse os tênis, as meias, me deixou totalmente descalço no cimento gelado, me revistou inteiro . . . A humilhação durou quase uma hora. Enfim me soltou e mandou que saísse do país: “*Off! You’re not welcome here!*” (Abreu 2005: 198)

Como se vê, a realidade do exílio repete alguns dos conflitos próprios da vida no Brasil. Em grande medida, a relação entre europeus e imigrantes é outra face da luta de classes vivida no país que foi abandonado. Além do modo como são tratados pela polícia, os imigrantes são explorados e se submetem a trabalhos exaustivos para sobreviver. Em “London, London ou Ajax, brush and rubbish”, o narrador descreve seu sofrimento físico diante do esforço repetitivo no emprego de faxineiro:

Bolhas nas mãos. Calos nos pés. Dor nas costas. Músculos cansados. *Ajax, brush and rubbish*. Cabelos duros de poeira. Narinas cheias de poeira. *Stairs, stairs. Bathrooms, bathrooms Blobs, blobs*. Dor nas pernas. Subir, descer, chamar, ouvir. *Up, down. Up, down. Many times got lost in undergrounds, corners, places, gardens, squares, terraces, streets, roads*. Dor, *pain. Blobs*, bolhas. (Abreu 2005: 240)

Diante dessa realidade, o personagem do conto de Abreu se vê obrigado a questionar a imagem que tinha de Londres, cidade procurada como alternativa à opressão no Brasil: “onde os castelos, os príncipes, as suaves vegetações, os grandes encontros – onde as montanhas cobertas de neve, os teatros, balem, cultura, História – onde? Dura paisagem, *hard landscape*” (Abreu 2005: 241). Todas as promessas de cultura e beleza europeia não se oferecem ao estrangeiro. Isso porque a suposta democracia londrina oculta um autoritarismo intrínseco ao regime capitalista, bem como uma

desigualdade nas relações sociais. Dessa forma, aquilo que se oferece ao europeu é completamente cerceado ao imigrante.

Não por acaso, o trecho da canção de Caetano Veloso que Abreu utiliza como epígrafe para “London, London ou Ajax, brush and rubbish” é “But my eyes go looking for flying saucers in the sky”. Destacando da música o momento em que a procura por libertação é da ordem do imaginário, o autor gaúcho parece direcionar para uma leitura do conto em que a liberdade não pode ser alcançada no mundo real. A princípio, diante da dura realidade e da “hard landscape” com a qual o narrador do conto se depara, só seria possível procurar nos discos voadores alguma fuga possível.

Já para o narrador de “Lixo e purpurina”, há outra forma de conseguir lidar com a difícil realidade do exílio: apoiar-se na precária liberação sexual que sucederia esse período. Ainda que ironize essa superficial e estereotipada liberdade erótica, o personagem parece ver nesse futuro alguma espécie de recompensa: “Quando você voltar, vai ver só, as pessoas falam, apontam: ‘Olha, ele acaba de chegar da Europa’, fazem caras e olhinhos, dá um status incrível e nesse embalo você pode comer quem quiser, pode crer” (Abreu 2005: 244).

Assim, o sujeito vive uma situação ambivalente, entre o terror suscitado pela opressão do regime militar, no plano político, e o desejo sexual, que passa a constituir um escape possível - ainda que limitado - da realidade violenta desse contexto repressor. Essa ambivalência entre terror e desejo que parece governar os contos aqui analisados também aparece em *Morangos mofados*, livro de Caio Fernando Abreu publicado em 1982, como assinala Jaime Ginzburg:

Dois elementos se espriam de maneira difusa. O primeiro é o terror, associado ao impacto traumático da experiência. O terror surge em esforços de contemplação e elaboração sempre inconclusos, da violência, da morte, da autodestruição. O segundo é o desejo, associado à determinação do sujeito em encontrar condições de afirmação de si e superação de limites, na ligação com o outro e na integração com a realidade externa. O terror faz o sujeito recuar, o desejo o motiva a se entregar. (2005: 41)

É inegável que essa “ligação com o outro” apresentada em “Lixo e purpurina” é profundamente precária, pois a sedução se baseia apenas em um deslumbramento de moradores de um país subdesenvolvido e conservador diante de pessoas que moraram na Europa, mesmo que elas não tenham vivido a moderna realidade a que a capital inglesa é associada, modernidade negada pelos personagens dos contos. De qualquer forma, isso parece constituir uma saída possível, visto que “comer quem quiser” é, ao menos, uma espécie de liberação sexual que transpõe o contexto autoritário que era vivido antes do exílio.

Ginzburg afirma que “Lixo e purpurina” – e podemos, por extensão, compreender da mesma forma o outro conto que aqui analisamos – constitui um “limite insustentável” em razão da “condição do duplo exílio” (2005: 39) vivida pelos personagens. O exílio não é apenas geográfico, mas uma condição dos indivíduos deslocados. O

narrador de “London, London ou Ajax, brush and rubbish” compara sua trajetória com a de outros artistas de diversos períodos: “Caminho, caminho. Rimbaud foi para a África, Virginia Woolf jogou-se no Tâmis, Oscar Wilde foi para a prisão, Mick Jagger injetou parafina na boca – e Arthur Miller casou com Norma Jean Baker, que acabou entrando na história” (Abreu 2005: 242).

É interessante observar como Abreu faz uma vertiginosa e angustiada paráfrase do poema “Quadrilha” de Carlos Drummond de Andrade:

João amava Teresa que amava Raimundo
que amava Maria que amava Joaquim que amava Lili
que não amava ninguém.
João foi para os Estados Unidos, Teresa para o convento,
Raimundo morreu de desastre, Maria ficou para tia,
Joaquim suicidou-se e Lili casou com J. Pinto Fernandes
que não tinha entrado na história.

No entanto, nessa releitura, elimina-se por completo qualquer laço afetivo presente no poema. Rimbaud, Virginia Woolf, Oscar Wilde e Mick Jagger, não amam ou são amados nem mesmo de forma não-correspondida e passageira, como os personagens do texto de Drummond; mas lançam-se sozinhos na tentativa de resolver seus conflitos. No conto e no poema, casamentos de conveniência – entre Lili e J. Pinto Fernandes e Marilyn Monroe/Norma Jean Baker e Arthur Miller – são os únicos exemplos de relacionamento efetivamente realizado.

Além disso, ao traçar uma similaridade entre eventos como o autoexílio de Rimbaud, a perseguição homofóbica contra Oscar Wilde, o suicídio de Virginia Woolf e as próprias experiências, o narrador se caracteriza como alguém fundamentalmente deslocado, cujas vivências extremas constituem uma tentativa de encontrar uma saída, embora dramática e definitiva, para a sensação de permanente exílio.

2. LITERATURA E RESISTÊNCIA

Em *Literatura e resistência* (2002), Alfredo Bosi faz uma distinção entre a “resistência como tema da narrativa” e a “resistência como forma imanente da escrita”. É possível pensar que “Lixo e purpurina” e “London, London” apresentam esses dois aspectos da resistência na literatura. Em primeiro lugar, ao abordar o exílio e o sofrimento vivido ao longo dessa experiência, em grande medida política e decorrente dos abusos da ditadura militar no Brasil, os contos constituem um manifesto contra o regime totalitário e um libelo contra o autoritarismo ao abordar o exílio e a difícil busca pela liberdade decorrente dessa saída da terra natal.

Vale frisar que a escrita também é resistente em sua forma, pois incorpora a indefinição do sujeito própria do exílio à composição narrativa. “Lixo e purpurina” é um misto de diário e narrativa fragmentada, composto por impressões sobre a realidade

vivida em Londres, trechos de citações, cartas à família, esboços de traduções inacabadas. Esse hibridismo de gêneros reverbera a descontinuidade da constituição do sujeito exilado e faz que a autoria do conto se ponha em cheque, juntamente com a construção do narrador. A narrativa mostra-se “atravessada pela tensão crítica” (BOSI, 2002: 130) e, portanto, constituída de forma fragmentada, incompleta e deslocada, pois assim se apresenta o indivíduo na condição do exílio.

O mesmo pode ser verificado em “London, London”. O narrador utiliza quatro línguas diferentes para contar sua história, transpondo para a constituição narrativa sua múltipla identidade diante das diversas línguas que ele se vê obrigado a falar. Ora usa o inglês, a língua do país no qual está exilado; ora o francês, outro idioma europeu também hegemônico; ora o espanhol, falado pelos outros exilados latino-americanos excluídos como ele; e o português, língua materna que já não mais marca sua identidade original, completamente fragmentada no contexto em que ele se encontra. Por fim, afirma: “não quero dizer nada, em língua nenhuma eu não quero dizer absolutamente nada” (Abreu 2005: 241) e o silenciamento constitui-se como a única forma possível de manifestar-se.

Para Beatriz Sarlo, a literatura feita em contextos autoritários precisa se opor formalmente ao discurso autoritário. Assim, se “los regímenes autoritarios producen textualidades cuya retórica presenta los valores y la verdad como autoevidentes” (Sarlo 1991: 32), a literatura de resistência deve fazer o oposto, questionando as verdades tidas como absolutas. Da mesma maneira, se as formas de composição escrita do autoritarismo pressupõem um “sentido determinado previamente y que no debe ser alterado” (Sarlo 1991: 33), a literatura que se opõe a essa construção ideológica deve se pautar pela ambiguidade e pela multiplicidade de sentidos.

Evidentemente, a ruptura, o ciframento e a ambiguidade são marcas de uma literatura bem realizada, esteja ela engajada na luta política ou não. Nesse contexto, entretanto, a multiplicidade de formas do texto literário serve aqui também para que um manifesto ideológico seja composto, além de um esforço no sentido de construir uma obra de arte que transponha para a forma literária a incompletude dos indivíduos retratados no texto.

3. DEFINIÇÕES SOBRE O EXÍLIO

O exílio é um assunto extremamente relevante para a história do século XX, tendo em vista as inúmeras guerras e catástrofes que obrigaram os habitantes de determinados países a abandonarem a terra natal, quer seja por determinação sumária do governo, quer seja porque não se sentiam mais seguros no local em que nasceram. Alguns dos intelectuais mais relevantes da modernidade viveram no exílio, como James Joyce e Theodor Adorno, apenas para citar alguns dos exemplos levantados por Edward Said (2003), ele mesmo um palestino exilado nos EUA.

Para Rodrigues, o exílio é especialmente produtivo para a atividade intelectual, visto que essa condição promove um “distanciamento espacial e cultural” que consistiria numa “condição ideal para um pensamento mais objetivo”, bem como “uma visão mais crítica e anticonformista da realidade” (2008: 23).

No entanto, para Said, “pensar que o exílio é benéfico para a literatura é banalizar suas mutilações” (Said 2003: 47). Para ele, essa experiência constitui “uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o eu e seu verdadeiro lar” (Said 2003: 46). É preciso lançar um olhar atento para essa definição. Há uma pressuposição de noções de pátria e de sujeito singularizadas que precisam ser problematizadas. Sem dúvida, o exílio é uma “fratura incurável”, independentemente de esse sofrimento ser ou não benéfico para a produção intelectual. No entanto, podemos indagar se essa ferida ocorre em virtude do rompimento entre um eu totalmente integrado em seu país antes de ser expulso e cuja individualidade era plena e unívoca antes do exílio. Ainda que o local de origem insira o sujeito em uma série de pressupostos e o associe a algumas imagens predeterminadas, podemos afirmar que há *um eu e um verdadeiro lar*?

Começemos pela ideia de pátria. Parece difícil compreender o conceito de nação de maneira singular tendo em vista que a própria constituição dos países é sempre plural. Sobretudo se pensamos em países como o Brasil, profundamente marcados por constantes invasões, miscigenações e violações, a busca pelo “genuinamente nacional” pode implicar uma artificialidade risível, aos moldes de Policarpo Quaresma.

Para falar da migração nas sociedades caribenhas, Stuart Hall (2003) descreve uma realidade muito próxima da brasileira. O autor afirma que “a terra não pode ser ‘sagrada’, pois foi ‘violada’ – não vazia, mas esvaziada” (Hall 2003: 30). A constituição do Brasil também é marcada por diversas formas de ocupação, e as diásporas dos povos que habitaram o país são constantes. Para Hall, há uma “estética diaspórica” que significa a cultura caribenha e que podemos também pensar como determinante no Brasil. Segundo o autor, “a relação entre as culturas caribenhas e suas diásporas não pode, portanto, ser adequadamente concebida em termos de origem e cópia, de fonte primária e reflexo pálido” (Hall 2003: 35).

Assim como é impossível pensar em “verdadeiro lar”, bem como em “um lugar natal”, sobretudo se temos diante de nós o contexto brasileiro, é preciso questionar também a ideia de um ser humano plenamente constituído que, no conceito proposto por Said, seria mutilado no exílio. Se há uma “fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o eu e seu verdadeiro lar” (SAID, 2003:46), podemos supor que antes do exílio o sujeito encontrava-se integrado, não somente em relação a sua pátria, como também em relação a si mesmo.

Maren Viñar e Marcelo Viñar (1992), no entanto, defendem que a nostalgia e a dor do retorno, intrínsecas ao exílio, reproduzem o modelo da perda do primeiro objeto mítico e, nesse sentido, retomam e ressignificam uma ruptura própria da constituição do mecanismo psíquico humano. O sujeito, que já estava cindido por conta do processo de castração simbólica, sofre uma *nova* mutilação no exílio e não uma *primeira*.

Para os autores, no exílio ocorre a ruptura da identificação narcísica ilusória que unia o sujeito e sua terra natal, o que ocasionará um longo e doloroso processo de luto para o indivíduo:

Para o exilado, a ruptura da ancoragem narcísica se faz em um conflito violento, sobretudo para quem outrora tinha um papel social reconhecido por ele e pela comunidade. Perde o espelho múltiplo a partir do qual criava e nutria sua própria imagem, seu personagem. No exílio, ninguém o conhece, ninguém o reconhece. Aquele que eu era não existe mais. (Viñar & Viñar 1992: 70).

Se o processo de identificação entre o sujeito e sua terra natal é uma ilusão, dada a própria multiplicidade da ideia de nação, isso é determinante para a sobrevivência do sujeito, e romper com esse laço simbólico é uma das violências que o exilado sofrerá. No entanto, essa não é a única ilusão constitutiva para a sobrevivência psíquica dos sujeitos. Para Viñar, nesse sentido, o que o exílio faz é duplicar e atualizar essa perda original fundadora da condição humana, que ocorreria dentro ou fora de sua terra natal. As consequências são as piores possíveis: “O homem se constrói a partir de suas ilusões e de seus projetos, e uma das dimensões da existência é o fato de remodelar permanentemente esse jogo de ilusões e de projetos, que se dá entre o ser e as pessoas de sua convivência. O exílio faz abortar este movimento e o destrói, para retomá-lo na estranheza do não familiar” (Viñar & Viñar 1992: 111).

Assim sendo, é possível associar, em um primeiro momento, as perdas decorrentes do exílio ao luto. Quando o narrador de “Lixo e purpurina”, por exemplo, afirma que “Essa morte constante das coisas é o que mais me dói” (Abreu 2005: 200), sabemos que ele se lamenta pelas pessoas que “estão enlouquecendo, sendo presas, indo para o exílio, morrendo de overdose” (Abreu 2005: 201). Nesse sentido, a reação a essas perdas também pode ser compreendida como melancólica.

Em “Luto e melancolia”, Freud identifica similaridades entre o processo do luto e o da melancolia. Em ambos os casos, perde-se o objeto de amor e inicia-se um longo caminho rumo à superação desse trauma. A diferença é que na melancolia a pessoa “sabe quem perdeu, mas não o que perdeu nesse alguém”. Além disso, se no luto é “o mundo que se torna pobre e vazio; na melancolia, é o próprio ego” (Freud 1917: 251). Se a escolha do objeto foi feita de forma narcísica, o ego sente-se esvaziado após a separação.

Esse esvaziamento é de tal forma significativo que os narradores aqui analisados descrevem-se como seres desprovidos de qualquer identidade. Em “Lixo e purpurina”, o personagem retorna ao Brasil, pois se sentia deslocado no exílio, mas isso não significa uma redentora volta à pátria, pois ele também não se identifica com seu país de origem. Da mesma forma, o narrador de “London, London ou Ajax, brush and rubbish” não possui uma língua materna, mas se expressa utilizando um misto de português, inglês, espanhol e francês. O indiscutível papel da língua na constituição da identidade dos sujeitos é aqui colocado em choque: o exilado, estando fora do país, já não pode mais falar português, mas também não consegue expressar-se

integralmente nas diversas línguas com as quais entra em contato na “Babylon city”. O exílio, dessa forma, acentua a sensação de deslocamento fazendo que os sujeitos habitem um não lugar e falem uma língua indefinida para se expressar.

4. UNHEIMLICH E ESTRANGEIROS

Na introdução de *Estranhos estrangeiros*, o exílio é apresentado como temática central, tanto porque o tópico é abordado diretamente, como porque constitui uma metáfora de uma condição psicológica que transcende esse contexto histórico específico. Para o editor do livro, os contos ali reunidos tratam da “ambiguidade do exílio, em que a distância da terra natal – fonte do desgarramento típico do emigrado – é também a afirmação da identidade de seres humanos de um determinado tipo, aqueles que se veem como exilados voluntários do cotidiano da colmeia – os ‘estranhos’ do título” (Abreu 1996: 7).

Por um lado, o *estrangeiro* é o *outro*; o *bárbaro*, no sentido etimológico do termo, “aquele que balbucia” e que, portanto, não fala a minha língua. Pertencer a essa condição é, necessariamente, ver-se em um lugar indefinido, já que o estrangeiro pertence a um não lugar e é sempre definido em relação ao outro. Não é um cidadão do local que habita e tampouco habita o país em que pode ser considerado um cidadão, mas é sempre o *outro*, onde quer que esteja. Para esses “estranhos estrangeiros”, no entanto, não é apenas o exílio que determina esse deslocamento, mas uma condição intrínseca às suas constituições enquanto sujeitos. Em “Lixo e purpurina”, o narrador marca a indefinição dessa situação; está exilado de seu país e de si mesmo e supõe que esse estado é próximo do que é vivenciado na morte: “Talvez eu não esteja completamente aqui. Nem lá, seja onde for. Antes de viajar, fico pairando. Talvez a alma parta antes, e não saiba direito para onde ir sem o corpo. Na morte deve ser parecido” (Abreu 2005: 211).

Em “London, London ou Ajax, brush and rubbish”, a percepção difusa que o personagem tem de si mesmo é reforçada, mas isso aponta para um desfecho otimista. Ao longo do conto, ele narra diversas ocasiões em que algumas pessoas fazem uma predição quase que mágica sobre seu futuro. Por fim, termina a narrativa repetindo para si mesmo essa frase-oráculo: “I’ve got something else. Yes, I do” (Abreu 2005: 244). O narrador encontra uma esperança que lhe permite superar o trauma acentuado pelo exílio. Ele não é apenas um estrangeiro em outro continente e expulso de seu próprio país, mas um homem que possui uma característica, ainda que indefinida e invisível, que o destaca diante de todos. Assim, possuir algo a mais constitui, de uma forma ou de outra, uma esperança de não estar completamente esvaziado internamente, visto que esse “something else” aponta para uma possibilidade de desdobramento interno. Em suma, ele não é *apenas* um eu incompleto e deslocado, mas *também* um outro, o que lhe permite múltiplas possibilidades.

Cabe aqui lembrar a definição de “estrangeiro” de Neusa Santos Souza, que traz a ambiguidade do termo para outra esfera do conhecimento:

O estrangeiro, diz o senso comum, é o outro. Outro que se afirma em muitos sentidos: outro país, outro lugar, outra língua, outro modo de estar na vida, de fruir, de gozar . . . Para a psicanálise, o estrangeiro é o eu. O eu, não tomado como o quer o senso comum – unitário, coerente, idêntico a si mesmo – mas o eu pensado em sua condição paradoxal – dividido discordante, diferente de si mesmo – tal como, de uma vez por todas, o poeta nos ensinou: “Eu é um outro.” (1998: 155)

Embora o texto de Souza problematize a noção de *estrangeiro*, a referência utilizada é o texto “O estranho” (1919), de Freud. Essa aproximação entre *estranho* e *estrangeiro*, além de dar título ao livro de Caio Fernando Abreu, é central para pensar a condição do exilado nos textos aqui analisados.

Em primeiro lugar porque a noção de *estranho* (*unheimlich*) traz, em si mesma, a ambiguidade que constitui os sujeitos assim classificados. Isso porque *unheimlich*, nas palavras de Freud, “por um lado significa o que é familiar e agradável e, por outro, o que está oculto e se mantém fora de vista” (Freud 1919: 243).

Além disso, a duplicidade do conceito freudiano reside, sobretudo, no fato de que a sensação de estranhamento decorre de um reconhecimento: algo familiar que foi reprimido retorna e isso é visto como aterrorizante:

se é essa, na verdade, a natureza secreta do estranho, pode-se compreender por que o uso linguístico estendeu *das Heimliche* para o seu oposto, *das Unheimliche*; pois esse estranho não é nada novo ou alheio, porém algo que é familiar e há muito estabelecido na mente, e que somente se alienou desta através do processo de repressão (Freud 1919: 258)

Embora Freud se refira a outras situações específicas em seu texto, é possível fazer relações pertinentes aqui para se pensar a condição do exilado, sobretudo quando ele volta para sua pátria ou repensa sua relação com ela. O que há de mais familiar do que a própria terra natal, ainda que com todas as suas incongruências? E, ao mesmo tempo, o que há de mais aterrorizador do que olhar para ela e não reconhecê-la?

Já no avião, em viagem de volta para o Brasil, o narrador de “Lixo e purpurina” relata a primeira visão do país abandonado, que, frisamos aqui o termo usado por ele, o *aterroriza*: “Peço a aeromoça algumas revistas ou jornais brasileiros. Ela me traz uma *Manchete*. Misses, futebol, parece horrível. Então sinto medo. Por trás do cartão-postal imaginado, sol e palmeiras, há um jeito brasileiro que me aterroriza. O deboche, a grossura, o preconceito” (Abreu 2005: 213).

Por outro lado, em “London, London ou Ajax, brush and rubbish” não se reconhecer não *aterroriza*, mas *salva* o sujeito do trauma. Saber-se portador de “something else” é a promessa redentora que ressignifica sua precária percepção de si mesmo, ainda que isso também signifique que ele é outra pessoa, diferente daquela com a qual ele objetivamente se depara diante do espelho.

A tomada de consciência no retorno à pátria é comum entre os exilados. Mario Lanzaoti, exilado chileno cujo depoimento foi recolhido por Rodrigues (2008), afirma que foi no retorno ao seu país, após o exílio na França, que sentiu o verdadeiro significado do exílio. Para Rodrigues, “seu drama, aliás, o de muitos outros ex-exilados chilenos, foi o de ter vivenciado, em seu país de origem, um ‘segundo exílio’” (2008: 41). Pior do que o exílio, parece ser ver o próprio país como um lugar *estranho, unheimlich*, no conceito freudiano. Tal como o eu-lírico da canção de Adriana Calcanhoto, citada no fim de “London, London”, o depoimento desse exilado parece relatar o mesmo doloroso estranhamento: “Lanço o meu olhar sobre o Brasil e não entendo nada”. Ver-se exilado, estranho e estrangeiro em relação a si mesmo e ao seu país seria, então, o verdadeiro exílio? Ou a possibilidade de tornar-se um outro, alguém que possui “something else” seria a única maneira de superar esse deslocamento?

OBRAS CITADAS

Abreu, Caio Fernando. 1996. *Estranhos estrangeiros*. São Paulo: Companhia das Letras.

———. 2005. *Caio 3D: O essencial da década de 70*. Rio de Janeiro: Agir.

BOSI, Alfredo. 2002. *Literatura e resistência*. São Paulo: Companhia das Letras.

FREUD, Sigmund. 1996. “O estranho” (1919). *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Vol. 17. Rio de Janeiro: Imago.

———. 1996. “Luto e melancolia” (1924). *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Vol. 14. Rio de Janeiro: Imago.

GINZBURG, Jaime. 2005. “Exílio, memória e história: notas sobre “Lixo e purpurina” e Os sobreviventes de Caio Fernando Abreu.” *Revista literatura e sociedade* (São Paulo) 8: 36-45.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

RODRIGUES, Helenice. “O exílio dos intelectuais e os intelectuais exilados.” Helenice Rodrigues & Helaine Kohler, orgs. 2008. *Travessias e cruzamentos culturais: a mobilidade em questão*. Rio de Janeiro: Editora FGV. 23-47.

SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SARLO, Beatriz. 1991. “Literatura y autoritarismo.” Alvaro Arrese et al. *Formas no políticas del autoritarismo*. Buenos Aires: Instituto Goethe.

SOUZA, Neusa Santos. 1998. “O estrangeiro: nossa condição.” Caterina Koltai, org. *O Estrangeiro*. São Paulo: Escuta/Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP. 155-163.

VIÑAR, Maren & Marcelo Viñar. 1992. *Exílio e tortura*. São Paulo: Escuta.

UNHEIMLICH AND FOREIGNERS: VISIONS OF THE EXILE IN CAIO FERNANDO ABREU'S “LONDON, LONDON” AND “LIXO E PURPURINA”

ABSTRACT: The objective of this paper is to make a review of two novels written by Caio Fernando Abreu in the seventies, both with roots in the genre of memoir: “Lixo e purpurina” and “London, London ou Ajax, brush and rubbish”. These two texts approach the exile experience in Brazilian dictatorship as a way to denounce the injustices that are inherent to contexts of authoritarianism. Furthermore, it is possible to associate the condition of the exile with the freudian concept of *uncanny* (*unheimlich*). The term carry a intrinsic duplicity, what could be associated with the ambiguity of the exile experience.

KEYWORDS: Caio Fernando Abreu; exile; foreigner; *unheimlich*.

Recebido em 12 de julho de 2010; aprovado em 30 de novembro de 2010.